

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 24 de dezembro

O povo armado bate aos muros da cidade. A jurisdição do ministerio já não passa ás aldeãs do termo, expira ás portas de Santa Apollonia, Arroios, S. Sebastião da Pedreira, Campolide e Alcantara. As trincheiras separam Lisboa da nação, e os conselheiros responsaveis da sr.^a D. Maria II reduziram o seu imperio a meia duzia de parochias: o sceptro que dominou os mares, que alargou o mundo com as suas conquistas, tem por subditos apenas alguns moradores de uma povoação. Os limites do reino dos Joões, na phrase do João Saldanha, são guardados pelos guerreiros Joãosinho e Castilho, que percorrem n'um quarto de hora todos os estados dos Cabraes.

Vergonha e indecencia é esta situação. Vê-se d'um lado o paiz, todas as suas illustrações, toda a propriedade; do outro meia duzia de pingantes que tem de seu apenas os diplomas dos empregos que occupam, os cofres do thesouro que despejam, as pratas das egrejas que recolhem, os dinheiros dos orfãos que apanham e por via d'estes cavalheiros de industria acobertados com o manto real, acoutados nas salas do palacio d'onde fizeram embuscada aos ministros da rainha e do povo, anda toda uma nação em armas, verte-se o sangue portuguez, assola-se o paiz e lança-se na miseria e na orphanidade um sem numero de familias!

Aonde está essa aristocracia que é o sustentaculo dos thronos hereditarios? Aonde está o povo que é defensor dos thronos populares?

A aristocracia está proscripta, o povo está em insurreição!

O ministerio nem é dos nobres, nem do povo. E' um ministerio que sahiu de uma embuscada, que prendeu o duque de Palmella no paço, que assaltou os quartéis, e que armou parte do exercito contra os cidadãos.

Quem metteu no paço meia duzia de mequetrefes para sahirem ao presidente do conselho?

Se foi a côrte, essa côrte é cúmplice nos males da patria ou antes auctora d'elles; senão foi ella, houve invasão no alcacer dos reis, e os ouzados que tal commettimento praticaram, devem ser asperamente punidos.

A nação ficou privada da regalia de escolher os seus representantes. A carta não foi só violada, foi destruida.

O povo não obedeceu porque não podia obedecer. O pacto em virtude do qual exigiam a sua obediencia, rasgaram n'õ.

A aristocracia rejeitou a traição da côrte. ou commettida na côrte. Por consentimento d'ella ou contra a vontade d'ella é o mesmo para o nosso caso. Os accusados que se defendam.

Uma boa administração podia sanar os defeitos da origem. Esta aggravou-os. Acabada de se installar tirou a mascara, e suspendeu as garantias.

Todo o mundo protestou: o povo, foi mandado fuzilar, os nobres receberam insinuação para sahirem do reino.

Não havia acontecimento que não espantasse o poder. A imprensa estrangeira cobriu de ridiculo os conspiradores do paço, e o ministerio attribuiu o brado de toda a imprensa ao duque de Palmella.

Esta accusação é a maior honra que se pôde fazer a um individuo. Quando o poder da intelligencia está todo ao serviço d'um homem, esse homem é um genio.

A imprensa escrevia assim porque a imprensa não se avassalla. Todos os partidos foram concordes em qualificar a traição d'aquella tenebrosa noute.

A baixeza não encontra fundo aonde assente. O ministerio fez uns quesitos ao duque de Palmella que tem muito mais de ridiculos e ineptos que de aggravantes. É uma serie de estulcias, parto sem duvida d'um cerebro delirante.

Esses quesitos, ou antes imputações, correm já impressos nas folhas populares do paiz. Nós

metter um acto de ingratidão para com aquella que o exauthorou. Senão o faz, senão o fez, é porque a sua honra o obriga a ser sempre cavalheiro, sempre liberal.

N'estas circumstancias estão os constitucionaes todos. Esta resposta, que diz respeito ao conde do Mello por ser o accusado, é extensiva a todo e paiz.

O *Diario* é que acclamou D. Miguel. O Sousa Azevedo, Farinho, D. Manuel de Portugal foram servidores humilissimos d'elle quando os liberaes pisavam a terra do exilio.

E o *Diario* ainda agora anda publicando as facecias de José Agostinho de Macedo, de quem o ministro da fazenda foi collega na collaboração da *Besta Esfollada!*

O que o *Diario* devia dizer era—que o general Guedes fôra para o Porto ligar-se aos defensores da carta e rainha para bater Mac Donnell e Casal, que sustentam a mesma causa, proclamando D. Miguel e o absolutismo.

N'um dos jornaes inglezes de 28 de novembro se lê o seguinte:

«O vapor *Polymephemus* chegou de Lisboa com despachos do coronel Wilde, que tinha regressado áquella cidade em 15 de novembro, depois de ter visitado ambos os exercitos. Ten-

do estado no quartel general do duque de Saldanha, por quem foi recebido da maneira mais cordial, passou a Santarem, aonde encontrou a mesma lisongeira recepção da parte do conde das Antas, cujas tropas achou em tão boa ordem como as da rainha. Antas foi com elle aos quartéis dos differentes regimentos, e dos batalhões dos voluntarios, e até lhe franqueou o livro da mostra de todas as suas forças, que o coronel diz serem perto de 4:000 homens de tropa regular, 4:000 a 5:000 homens de irregulares, todos arregimentados e bem armados.

N'esse dia o coronel Wilde jantou com o conde das Antas em companhia de José Estevão, Mousinho de Albuquerque, e de outros chefes do partido.

Antas disse-lhe que a rainha não tinha um subdito mais fiel do que elle, e se estava em armas com os seus camaradas não era contra ella, mas sim contra a facção libertecida, que a tinha em estado de coacção: que o seu objecto era meramente estabelecer o *statu quo* anterior á contra-revolução de 6 de outubro, que estava decidido a consegui-lo, ou a morrer na lucta.

Alludindo ao recente decreto, da rainha que mandava fuzilar todos os paizanos que fossem encontrados com as armas na mão, disse que se uma tal medida fosse levada a effeito, com bastante repugnancia ver-se-ia na dura necessidade de usar de represalias.»

Novembro de 1846.—De V. ex.^a amigo e fiel servidor (assignado) *Duque de Palmella*.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. visconde de Oliveira, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino.»

Ante hontem e hontem corriam na cidade noticias variantes sobre a sorte das nossas armas em Torres Vedras.—O caso é que ninguem do partido liberal teve participacão alguma.

O governo recebeu diferentes expressos. Na quarta feira de manhã teve um, e annunciou supplemento para as cinco horas da tarde. Tocou a conclave, reuniram-se os cardeaes, fizeram seis redacções e nenhuma foi approvada. Em todas ellas transluzia alguma verdade que era preciso occultar. A final resolveu-se que se escrevesse que as armas cabralistas tinham alcançado das forças nacionaes um triumpho completo.

O expediente era comesinho. Por um artigo do *Diario* ninguem responde, e as partes officiaes ninguem as crê depois que o Shwalback, Ilharco e Abreu Casal deixaram tudo por morto e começaram a fugir.

A' noite veio o supplemento do costume. Em vão se pergunta pelas participacões officiaes:— não nol-as dão. Dizem que esperemos para occasião opportuna!!!

Caso singular! Arrebetam de contentes a dar a noticia, e ainda que os matem não exhibem o documento a que se referem; não que esse documento só provasse alguma cousa, mas não ia de encontro aos precedentes.

O que é certo é que os auctores e cumplices da embuscada de 6 de outubro dão uma mordacidade immensa do seu lado, e do nosso somente fallam no sr. Mousinho d'Albuquerque gravemente ferido. Houve uma grande accção, e não dizem uma só palavra dos mortos e feridos?! Não fallam sequer do conde das Antas?

Já escrevemos no *Ecco de Santarem* e ainda repetimos — a sorte da nossa causa não depende da fortuna de uma batalha, da perda de uma divisão, de duas, de tres — tem raizes mais profundas; troncos mais robustos que brotam do coração do homem e se somem no seio da divindade.

Na retaguarda d'essa gente está a nação: conquistem-na que ella surgirá. Se perdermos um baluarte temos outros, e temos por fim uma morte gloriosa. Ainda temos muito sangue nobre para verter.

Alguem dizia, em vista do silencio official, que a divisão do conde das Antas, dava serios cuidados ao Saldanha.

No dia 21 tinha saído de Santarem a divisão do sr. Cesar de Vasconcellos, forte de dois mil homens, e chegava hontem a Villa Franca.

O commandante em chefe do exercito foi animar os contingentes de 9 e 14 que sahiram, deu-lhes cigarros, disse-lhes que iam para San-

tarem, mas que elle ficava de plantão por causa das ballas. Os contingentes saíram, e os vapores dizem que ficaram hontem fundeados em Beirollas.

Estes factos não concordam com os supplementos.

Hontem de manhã embarcaram 50 cavallos para a outra banda. Uma divisão commandada pelo conde de Mello marcha do Alentejo sobre Setubal, aonde estava o Shwalback, que mandou a Lisboa pedir força, pois que a que tinha não era sufficiente para resistir aos constitucionaes.

Do Porto tem o governo noticias pouco satisfactorias para elle. Em Vigo é aonde está o quartel general dos cabralistas do Norte, o vapor tocou lá, e o *Diario* não nos conta cousa nenhuma do Abreu Casal, que tinha decidido tomar o Porto, mas a junta havia decidido esmagal-o se elle o tentasse. O que se sabe é que o Casal fugira, que grande parte das suas forças o haviam abandonado, e que o Sá da Bandeira o perseguia.

A côrte dançou quando ouviu dizer que houvera muito sangue derramado. O valido e os protectores beberam á saude das victimas! A rainha deu beijamão á sua criadagem!

Em quanto Lisboa se vestia de lucto, em quanto as familias de ambos os exercitos belligerantes choravam, nas Necessidades havia tripudio, e aquelle medo, aquelle servilismo baixo que se nota na adversidade em certa qualidade de gente, transformou-se alli n'um delirio feroz por julgarem segura a victoria. Os que se preparavam para proscreeverem o Saldanha por os haver coegido, davam pulos por lhes constar que tinham sido traspassados os coacções dos liberaes.

O *Espectro* ha de fazer justiça a todos. A liberdade ha de sobreviver aos tyrannos.

O *Diario* teve a impudencia de publicar que o conde de Mello acclamára D. Miguel em Extremoz. Os cabralistas andavam a dar baixinho ha dias essa novidade, porque conheciam o perigo da publicidade.

O conde de Mello, não acclama D. Miguel porque essa aclamação contrária aos seus principios liberaes. D. Miguel matou-lhe o pae, e proscreeveu-o a elle.

Mas D. Miguel não devia nada a Pedro de Mello, nem a seu filho. O desterro e a morte eram crimes, mas não eram ingratição. A sobrinha de D. Miguel, por quem Pedro de Mello morreu, por via de quem o conde foi proscrito exauthorou aquelle que concorreu para a collocar no throno!

A rainha deve muito ao conde de Mello; o conde de Mello não deve nada á rainha. As contas estavam saldadas se o conde assim procedesse: podia acclamar quem quizesse sem com-

publicaremos hoje apenas a carta do nobre duque ao ministro do reino.

Não lhe fazemos commentarios. Supponho que o governo estará corrido do papel que representou.

As côrtes estrangeiras accusam a nossa de comprometter a causa d'ellas todas. Não somos nós que o dizemos, são ellas.

Tudo atira enfim a este ministerio inqualificavel, tudo o abandona.

E ainda persistirá a côrte na sua cegueira? Quererá ir de todo ao abysmo? E por fim não tem quem a chore! Não! que as lagrimas são para os desgraçados! Não! que os opprimidos não chorarão nunca a morte do oppressor! Não! que não haverá n'esta terra quem fique com saudades d'um governo de sangue e delapidações.

Eis-ahi a carta do duque:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Recebi a carta de V. ex.^a de 21 do corrente, e a maior prova de respeito que posso dar ao governo de S. M. é responder com seriedade, como faço no incluso papel, ás imputações enunciadas na nota, que V. ex.^a foi servido comunicar-me.

Na verdade confesso, que nunca imaginei ver chegado o tempo, reinando a sr.^a D. Maria II, que Deos conserve como todos desejamos e havemos mister, em quem houvesse de ser o alvo, de semelhantes denuncias de uma politica estúpida e calumniadora!

Julguei dever-me cingir, na resposta que dou á sobredita nota, unicamente aos cargos, que n'ella se me fazem. Dirigindo-me porém agora directamente a V. ex.^a, seja-me licito referir-me á entrevista que tivemos, e á carta do sr. duque de Saldanha, que V. ex.^a me mostrou, porque esta communicação me constitue na necessidade de me explicar com muita clareza.

Não é por maneira nenhuma exacto que eu promettesse ao sr. duque de Saldanha sair para fóra do reino. Para que uma similhante promessa tivesse tido logar seria necessario que s. ex.^a a houvesse pedido ou exigido. Disse-lhe sim, que tencionava embarcar no primeiro paquete para o Sul, e com effeito era essa a minha intenção, e disse-lho muito espontaneamente, por occasião da confidencia que elle me fez, de que existia uma denuncia (creio que da policia) na qual se dizia que uma commissão central revolucionaria, existente em Lisboa, me havia rogado de abandonar o meu projecto de viagem. Respondi-lhe então desmentindo esse facto, que é falsissimo, dizendo-lhe, como agora ainda repito, que ignoro se existe uma tal commissão, que nenhum recado de similhante natureza recebi, nem outro recado qualquer, e que tencionava sahir no proximo paquete. Não entendi pois que esta minha intenção livremente manifestada podesse ser interpretada como uma promessa, nem que uma promessa fosse pedida; e reputei, e reputo ainda, o que então disse como a mani-

festação livre de uma intenção, que ninguem me obrigava a seguir, nem me impedia de alterar.

A outra confidencia que S. ex.^a me fez na ultima conversação que teve comigo, foi de que um individuo preso havia declarado, que eu enviára doze contos de réis a Coimbra pelo sr. Mousinho de Albuquerque. Desmenti tambem esta denuncia, que é igualmente falsa, como a primeira; e como reputasse esta conversação inteiramente confidencial, disse-lhe que as unicas quantias por mim prestadas a individuos agora compromettidos (e isto mesmo antes de eu ter a menor noticia das suas intenções, e sem a mais remota idéa de politica) eram a de vinte moedas a um amigo, e de trinta a outro. Parecia-me que esta sincera confidencia seria a melhor maneira de demonstrar a falsidade, e o absurdo da imputação que se me fazia, e pareceu-me sobretudo que ella não poderia causar surpresa ao sr. duque de Saldanha, que por experiencia propria conhece a disposição que eu tenho a prestar serviços pecuniarios, quando me são pedidos, não só por sommas insignificantes, mas tambem por avultadas quantias.

Observei tambem na leitura da carta do sr. duque de Saldanha outra insinuação, contra a qual reclamo fortemente, e que nem mesmo é fundada em pretextos ou denuncias, e é a de que me possam ser attribuidas directa ou indirectamente quaesquer publicações da imprensa estrangeira, desde que sahi do ministerio até agora.

Em conclusão permita-me v. ex.^a que eu lhe peça de lançar uma vista d'olhos retrospectiva sobre a minha carreira politica. Persuado-me que a ha-de achar pura de toda e qualquer conspiração, pura de intrigas, sempre estranha a clubs ou sociedades secretas, a tramas revolucionarias, e igualmente isenta de exaltações ultra-liberaes, como de servilidade na manifestação das minhas opiniões francas e independentes.

A minha adhesão ao throno legitimo e á liberdade legal, que desejei antes de a havermos obtido, e que abracei e defendi constantemente desde que nos foi assegurada pela carta, tem sido, e ha-de ser, inalteravel. Forte na minha consciencia nunca hei-de renunciar ao direito de conservar illesa a liberdade de pensar e de sentir, ao passo que sujeito os meus actos ao imperio da lei. Não posso reputar licito nem conveniente, quaesquer que sejam as desgraças dos tempos, um systema inquisitorial, que pretendesse escrutinar os pensamentos e substituir supposições aos factos.

N'uma palavra, e sem lembrar serviços passados, declaro inabalavel a minha fidelidade á rainha, a minha adhesão ás liberdades affiançadas pela carta constitucional; como par do reino e como cidadão, defenderei uma e outras, e observador religioso da lei, só reclamo a meu favor a mesma observancia.—Lisboa 23 de